

Surveillance in Latin America

"Vigilância, Segurança e Controle Social" . PUCPR . Curitiba . Brasil . 4-6 de março de 2009

ISSN 2175-9596

A NARRATIVA POLICIAL NA REVISTA VIDA POLICIAL

The Police Narrative in the Magazine Vida Policial

Elena Shizuno

^(a) Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR – Brasil, e-mail: elena.shizuno@terra.com.br

Resumo

Vida Policial era um semanário cujo subtítulo designava-se hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário, criado na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e publicado entre os anos de 1925 a 1927. Escolhemos como foco de análise o folhetim e o conto policial publicados na revista e compreender quais eram as formas de classificação do mundo social construídas sobre o mundo do crime e dos criminosos presentes nestas narrativas e construtoras da mediatisação de novos personagens urbanos.

Palavras Chave : Narrativa policial, mídia, crime.

Abstract

A police life was a seminar whose title was newsy hebdomadal, critical and doctrinal, created in Rio de Janeiro, Brazil, and published between the years 1925 and 1927. We chose as focus of our analysis the publication and the police story published on the magazine. My target is understand which classification forms in the social world built over the crime's world and the being criminals in these narratives and media constructors of new urban characters.

Keywords: Police narrative, media, crime.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho a nossa proposta é refletir sobre a produção de determinadas publicações da revista *Vida Policial*. Nosso objeto de investigação é um semanário, portanto um hebdomadário, cujo subtítulo designava-se *hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário*, criado na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1925 a 1927. Escolhemos como foco de análise o **folhetim e o**

conto policial publicados na revista e buscamos compreender as formas de classificação do mundo social construídas sobre o mundo do *crime* e os *criminosos* presentes nestas narrativas.

As narrativas ficcionais eram centrais na organização na revista *Vida Policial*. No hebdomadário a publicação dos contos e do folhetim ocupava longas páginas e desde o seu surgimento criou um público fiel. Este material jornalístico caracterizado como parte do gênero literário policial, foram construtoras da mediatização de novos personagens urbanos, possibilitaram formas de interpretação deste universo.

A chamada *literatura de entretenimento* surgiu modernamente. Entre os séculos XVIII e XIX na Europa e Estados Unidos surgiram às transformações técnicas que possibilitaram o suporte para a produção em massa de bens culturais contribuíram para tal difusão, os processos tipográficos, os custos, o aumento do mercado consumidor de classe média. O jornal, veículo número um desta produção de massa, e de seu rebento o romance-folhetim, divulga e amplia os temas que de Poe a Dumas, passando por Doyle, são lidos e *consumidos* avidamente. Segundo Paes, por um “Público de classe média a que os avanços da instrução pública iam progressivamente incorporando novos leitores vindos do proletariado urbano e do campesinato”. (PAES, 2001 p. 31).

Na França em fins do século XIX abundam jornais de alta tiragem e de baixo custo, como o *Le Petit Journal*, dominante em sua tiragem de sete milhões de exemplares semanais. Em seu tempo, esta publicação modificou a produção e lançou o suplemento de domingo com ilustração colorida de capa inteira, em um processo de cromotipografia inventado por seu proprietário, também “Podia ser vendido avulso, entremeando romance-folhetim e *faits divers* narrados de forma folhetinesca e cuja espetacularidade já está na famosa ilustração na capa”. (MEYER, 2005, p. 224) ¹. Os seus autores eram por vezes oriundos da pequena classe média e na maioria, provincianos. Partilhavam da produção e do mercado desta indústria cultural de grande valor mercadológico, também pela existência da propaganda. (MEYER, 2005, p. 222-223).

Entretanto, por causa de seu estilo e temáticas, os escritores de folhetim eram criticados por corroborarem com os próprios criminosos, vistos como instigadores e instrutores de crimes. Leitura de classe popular inquietante e perigosa, “prática popular que escapa ao controle”, “vista

¹ O fait diver no século XIX, segundo o verbete do Grand Larousse Universel é assim definido; Sob essa rubrica os jornais agrupam com arte e publicam regularmente as mais diferentes notícias que correm pelo mundo: pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes hediondos, suicídios de amor, pedreiro caindo do quinto andar, assalto à mão armada, chuva de gafanhotos ou de sapos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, raptos misteriosos, execuções capitais, casos de hidrofobia, de antropofagia, de sonambulismo e de letargia; salvamentos e fenômenos da natureza, tais que o bezerro com duas cabeças, gêmeos grudados pelo ventre, anões extraordinários etc. etc. (Meyer, 2005, p. 99).

como temível instrumento de subversão social” ou de “conservação social” do ponto de vista da esquerda.(THIESSE; apud MEYER, 2005, p. 268) E também de forma deletéria influência negativa na linguagem, e por isso:

O folhetim é culpado por alimentar a “bestialidade”, a ignorância etc. de seus incultos, iletrados leitores. Matreirice de autor também, uma vez que esse ponto de vista é alimentado pro ele próprio no corpo do texto, quando denuncia as leituras “populares” de seus “ignorantes” personagens populares. (O que nem por isso “legitima” esse autor e lhe confere o status de “escritor”) Como se essa obra abominada e abominável não tivesse autor, ou melhor: ao se culpar os próprios homens e mulheres do povo pelos efeitos dessa péssima literatura, a única que, dizem, lêem e procuram, é como se eles próprios a engendrassem e fossem seus autores. Escamoteia-se assim o seu fiel provedor, o autor, até o seu beneficiário-mor, o diretor de jornal ou de edições baratas, à procura do sólido e rentável mercado que representa um gênero e um público que se faz de tudo para alcançar. (MEYER, 2005, p. 271).

Interessante ressaltar que segundo Meyer, o próprio Gramsci assinalava, que em suas reflexões nos *Cadernos do Cárcere*, quão importante era analisar o romance-folhetim francês dos oitocentos. Reflexões sobre a sua *fortuna*, análise da cultura, sua grande penetração na Itália, sua tipologia e apropriações. Segundo Gramsci, esta literatura mercantil e popular, considerada sem as bases do que se chama de concepção artística, é mecânica, industrial e é de sucesso imediato ela é, no entanto, importante para a história da cultura, pois apesar de desqualificada;

Pelo contrário, ela tem, precisamente deste ponto de vista, um grandíssimo valor, porque o sucesso de um livro comercial indica (e muitas vezes é o único indicador que existe) qual é a *filosofia da época*, isto é a massa de sentimentos e de concepções do mundo preponderantes na multidão *silenciosa*. (GRAMSCI, apud, MEYER, 2005, p. 412).

Neste sentido, é interessante assinalar as reflexões de Guilhermo Sunkel em *La Prensa Sensacionalista y los Sectores Populares*:

En estos cuentos de la violencia urbano-marginal los lectores/as populares se reconocen en el modo de narrar pero también en los tipos de relaciones sociales y modos de resolución de conflictos narrados. Tipos de relaciones sociales y modos de resolución de conflictos que quedan en la memoria como elementos básicos de fórmulas culturales que se repiten hasta vaciar de contenido particular las noticias y sólo queda la impresión de conocer la noticia como se conoce un cuento. Vale decir, por las relaciones entre los personajes más que por la historia particular. Lo que nos está indicando que este es un tipo

de ‘periodismo atemporal’ donde lo relevante no es la novedad sino la repetición de lo mismo. (SUNKEL, 2001, p. 123)

A *popular narrativa policial*

A produção e consumo em massa do romance policial tornaram-se um fenômeno na década de 40. Populariza-se este tipo de literatura por meio da brochura e dos livros de bolso; na Europa e nos Estados Unidos consistiu-se na literatura para soldados na Segunda Guerra Mundial, perfazendo de um terço a um quarto da produção da produção literária em geral. Desde 1945, foram vendidos 10 bilhões de livros (língua inglesa e francesa, entre outros idiomas), e só de livros da autora Agatha Christie, são 500 milhões de exemplares.

Por que atrai? Ler sobre violência torna o leitor testemunha e aquele que goza a violência. É um fenômeno da civilização em crescimento, sublima os impulsos violentos, e que só ocorre devido à alfabetização em massa, num momento de transformação da velha em nova classe média. Oferece uma distração, e comparável ao ópio para as classes médias, o que torna real a fuga da monotonia da vida cotidiana. “Os leitores realizam através da fantasia o que secretamente desejam fazer, mas que nunca farão na vida real: isto é, virar a mesa” (MANDEL, 1988, p. 115).²

No romance policial a morte e o medo são as raízes ideológicas do romance policial, há uma obsessão com a morte, com a morte violenta, com o assassinato e o crime. O assassinato é o centro do romance policial e a morte coisificada: “(...) a morte no romance policial não é tratada como destino dos homens ou uma tragédia e, sim, como objeto de indagação. Não é vivida, sofrida, temida ou combatida, mas torna-se um cadáver a ser dissecado, algo a ser analisado. A coisificação da morte se encontra no âmago do romance policial (MANDEL, 1988, p. 73)”.

Revela-se a presença do maniqueísmo e polarização entre o criminoso versus detetive, porém há a despersonalização do bem e do mal, há embate de espíritos – analíticos versus inteligência preventiva, embate e competição, típicos do capitalismo coisificando a morte, o humano, em um maniqueísmo, não há análise psicológica, ambigüidades nos seres humanos, há uma mecânica entre os personagens: “os maus (os criminosos) e os bons (o detetive e, de certa forma a ineficaz polícia)” (MANDEL, 1988, p. 73).

² Ernest Mendel (1923-1995), autor que utilizamos para o mapeamento do campo do romance policial, foi ativo escritor de esquerda com uma intensa participação intelectual e militante. Refugiado das perseguições nazistas na Bélgica, participou da Quarta internacional e das resistências anti-nazistas, foi preso, em 1944, e enviado para um campo de concentração alemão. Autor de vários ensaios políticos e livros de economia marxista.

Mas a racionalidade coisificada é insuficientemente racional, foge à complexidade do humano, comportamentiza-o, polariza (criminoso/paixão versus detetive/ordem). Tudo envolto na ambigüidade e mistério, palavra recorrente no romance policial: “Por isso o romance policial, enquanto coloca a inteligência analítica e a coleta de pistas científicas no cerne da detecção do crime, geralmente recorre a paixões cegas, tramas loucas e referências à mágica, se não à loucura clínica, para” explicar “por que os criminosos cometem crimes. (MANDEL, 1988, p. 75)” O cerne da ideologia do romance policial é a idéia de que “A desordem reconduzida à ordem e esta voltando à desordem; a irracionalidade perturbando a racionalidade; a racionalidade restaurada após as sublevações irracionais”. (MANDEL, 1988, p. 76).

Sobre esta questão Foucault parte das reflexões sobre a produção da delinqüência pelo aparelho penal e o processo de construção de barreiras entre aquele fenômeno e as camadas populares do meio urbano. Contudo, o que nos interessa, é a sua análise da construção e das percepções sobre os delinqüentes e o papel da imprensa policial. Esta que também apresenta os criminalizados de classes populares de forma onipresente e temível:

O romance de crime, que começa a se desenvolver nos folhetins e na literatura barata, assume um papel aparentemente contrário. Tem por função principalmente mostrar que o delinqüente pertence a um mundo inteiramente diverso, sem relação com a existência cotidiana e familiar... O noticiário policial, junto com a literatura de crimes, vem produzindo há mais de um século uma quantidade enorme de “histórias de crimes” nas quais principalmente a delinqüência aparece como muito familiar e, ao mesmo tempo, totalmente estranha... (FOUCAULT, 1977, p. 251)

Foucault assinala a importância das campanhas de moralização que incidem sobre a classe popular no século XIX. Assim na passagem do século XVIII para o XIX constrói-se a “classe autônoma de delinqüentes”, visto que antes as ilegalidades eram toleradas e então:

Foi absolutamente necessário constituir o povo como sujeito moral, portanto separando-a delinqüência, portanto separando nitidamente o grupo de delinqüentes, mostrando-os como perigosos não apenas para os ricos, mas também para os pobres, mostrando-os carregados de todos os vícios e responsáveis pelos maiores perigos. Dende o nascimento da literatura policial e da importância, nos jornais, das páginas policiais, das horríveis narrativas de crimes. (Foucault, 2000, 133)

O recrutamento para a delinqüência entre as classes pobres ocorria na prisão: “Caía necessariamente no sistema que dele fazia um proxeneta, um policial ou alcagüete. A prisão profissionalizava”. (FOUCAULT, 2000, p. 133) Segundo o autor, por volta dos anos de 1840, dois fenômenos ocorrem. O primeiro é a utilização do delinqüente pelo “aparelho de poder”, cujo símbolo é Vidocq (1775-1857) célebre ladrão francês que se tornou policial. E o outro é a construção da “heroificação estética do crime”, simbolizado no tipo de criminoso como Lacenaire, herói inteligente, burguês, astuto, o criminoso não é mais o herói popular, “mas um inimigo das classes pobres”, (FOUCAULT, 2000, p. 137) sendo este um dos tipos criminosos do romance policial chamado de clássico.

NARRATIVA POPULAR E CONTRALITERATURA?

Um dos conceitos importantes em minhas reflexões sobre a narrativa policial é sobre o que significa o *popular*. A categorização do que seja o *popular*, ou leitor ou leitura *popular* perpassa uma série de conceitualizações cujas vertentes de abordagem são múltiplas. Para Chartier o que caracteriza um leitor como *popular* não é o conjunto de suas leituras e sim a *su maneira de leer de comprender y de utilizar al servicio de una cosmología los textos de que se apropiara*. (CHARTIER, 1995, p. 141), ou seja, o seu modo de **apropriação**. Esta que é questão central para o autor, pois, “Una historia das lecturas y de los lectores (populares o no) es pues la de la historicidad del proceso de apropiación dos textos”. (CHARTIER, 1995, p. 148). Chartier questiona as análises que propõem entender os processos de transformação que destituem e modificam o status do que seja considerado *popular*, do que seria então chamado de aculturação, eclipse, desenraizamento entre outras vertentes interpretativas históricas em contextos específicos no século XII, século XVII ou século XIX.

Pois, então antes de situar temporalmente a destruição do popular se deveria buscar entender as relações existentes entre *formas impostas* e *identidades afirmadas*, (CHARTIER, 1995, p. 3) que podem revelar também resistência, submissão ou então espaços que,

Nem a cultura de massa de nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiram. O que mudou, evidentemente, foi à maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las. (CHARTIER, 1995, p. 4).

Fundamental é compreender as diferentes formas de apropriação que geram distinção, mais do que as práticas de um grupo social, portanto o popular está contido nas relações sociais, nas diversas formas de uso de normas, objetos, textos, modelos. Necessário então, não a caracterização dos conjuntos ditos populares, “mas, as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados”, (CHARTIER, 1995, p. 6) não em categorias invariantes, universalizantes, mas pensadas nas descontinuidades das trajetórias históricas onde existem espaços de hierarquizações, classificações e consagrações, porém como ressalta Certeau nem somente cultura popular autônoma nem independente. Mas, imersa em relações de dominação simbólica e nas lógicas presentes nos usos e nos meios de apropriação do que é imposto. Produz-se então sentido, nas formas de consumo cultural popular.

Chartier cita o trabalho de Richard Hoggart, sobre mídia, e de Janice Radway, sobre os romances, para afirmar a importância da noção que afirma a inexistência de uma aderência imediata, sem mediações, do que se lê. Portanto, a mídia moderna não impõe, nem condiciona de modo homogêneo, nem destrói as identidades populares, pois há multiplicidade de recepções, usos e interpretações, e mais diretamente “porque há sempre um espaço entre o que o texto propõe e o que o leitor faz dele”. (CHARTIER, 1995, p. 8).

Nesta perspectiva outra questão importante é o emprego do conceito de *Trivialliteratur*. Por quê amplamente citado como modo de classificação para a narrativa policial. Nascido na Alemanha e utilizado também na Áustria, pode ser definido a partir do que não é *Hochliteratur*, ou seja, *literatura erudita*. Interessante notar que esta distinção passará a vigorar somente após 1871, quando o movimento estético-pedagógico intitulado *Kunsterziehung* inicia a avaliação da literatura e a hierarquização de sua produção de forma pejorativa, sobre quem a consumia e do que era produzido (MAGALHÃES, 2008, p.21)

A *trivialliteratur* era classificada como *simplista, de fabricação industrial, oposição ao cânones ético-estético, sem originalidade, lugar comum, mediocre, com a exploração dos baixos instintos e da sensibilidade, contraditório* (MAGALHÃES, 2008, ano, p.2). O seu oposto possuía caráter inovador, transformador de valores, porém que pode historicamente perder este valor devido a sua reedição por outros autores, e a perda de seu *caráter de estranhamento*. Segundo Magalhães:

Para garantir este duplo, a *Trivialliteratur* apega-se aos clichês e estereótipos familiares ao público, dispensando-o de refletir. No que concerne à esfera privada, quando voltada ao público feminino, são tematizados, via de regra, conflitos edípicos, sexualidade interdita, segredos de família; no que concerne ao público masculino, temas dedicados à aventura, com ladrões, cavaleiros, intrigas entre homens de boa e má índole, atividades secretas, estando afastada quaisquer temas relativos à política (MAGALHÃES, 2008, p. 24)

Nesta perspectiva pensamos ser importante analisarmos as classificações do chamado romance policial; *Literatura ou Contraliteratura?* Categorizados nos estudos literários, no interior do sistema de ensino, como *paraliteratura*, *literatura marginal*, *infraliteratura*, *literatura de massa*, em oposição à *literatura letrada*. Separações que segundo Mouralis remetem não só as disputas no campo literário, mas;

Ele vai, sim, remeter para as linhas de força que percorrem a sociedade no seu todo, isto é, falando claro, remete para os esforços dispendidos por uns em ordem a manterem e reforçarem o poder que detêm no plano da iniciativa cultural, e para as reações que os outros exprimem perante tal prerrogativa. Os textos que a instituição literária recusa e que, por essa razão, não entram no domínio do literário, não são apenas textos à margem da “literatura” – ou inferiores a esta, mas também textos que, só com a sua presença, constituem já uma ameaça para o equilíbrio do campo literário, visto que assim revelam tudo o que nele há de arbitrário. (MOURALIS, 1982, p. 12).

Portanto, para o autor existem as separações entre estas produções, de público e no que se considera “escala dos valores morais e estéticos” (MOURALIS, 1982, p. 11). Estes escritos que são produzidos em massa, considerados inferiores, condição que não pode ser justificada em termos teóricos porque inexiste “uma ciência da estética” (MOURALIS, 1982, p. 11). O que também remete a concepção errônea que *reduplica* o tipo em uma outra *literatura*. O que interessa é estabelecer a *natureza da relação* entre os tipos de textos, seus conflitos e contradições.

EM REVISTA VIDA POLICIAL

Naquele tempo, digamos assim, em 1906, o Rio ia perdendo os seus aspectos de cidade antiga e revestindo-se de característicos dos centros onde o progresso opera as mais radicaes transformações. A cidade tão silenciosa e tão pacata em outros dias, já vibrava attingida por acontecimentos perturbadores. E nessa onde de progresso vieram também

os crimes sensacionaes, os crimes praticados mediante planos cuidadosamente tecidos. (VIDA POLICIAL, 1925, n. 6, p. 20)

Neste trabalho o objetivo central é a reflexão sobre a construção social sobre o crime e o criminoso a partir do folhetim e do conto policial, estes que são formadores de um imaginário social sobre os temas abordados, enquanto veículos de informação que atingem proporções consideráveis na sociedade.

No Brasil, o total de habitantes variou, dos anos de 1925 a 1927, de 34.063243 mil habitantes a 35.445753 mil habitantes. Na então capital cidade do Rio de Janeiro no ano de 1925 havia 1.325346 milhão de habitantes. E em 1927 1.394584 milhão de habitantes. Parte da população era alfabetizada, sendo a cidade com menores índices de analfabetismo. Segundo o recenseamento de 1920, 74,2% da população do Rio de Janeiro eram consideradas letradas. Menos entre as mulheres, grupo em que o analfabetismo era maior (BARBOSA, 2007, p. 57).

O surgimento das revistas ilustradas no início do século é um dado importante a ser ressaltado. Revistas como a Kosmos, Fon-Fon, A Careta, Revista da Semana, O Malho, Ilustração Brasileira, Vida Paulistana, Arara, Cri-Cri, A Lua circulavam divulgando um novo meio de comunicação. O Cruzeiro chegou a ter uma tiragem de 30 mil exemplares em 1928, motivada por uma campanha publicitária bem sucedida. Também é o momento do surgimento de vários jornais tais como Jornal do Brasil, A Noite, O Jornal, O Globo, entre outros. No final da década de 20 no Rio de Janeiro havia 19 jornais diários, 13 estações de rádio e do primeiro conglomerado de mídia no Brasil ligado a Assis Chateaubriand. (BARBOSA, 2007, p. 58).

A ampliação da estrutura dos meios de comunicação em geral, desde o aparato tecnológico e de informação, foram fundamentais, tais como na área do processo de impressão e das artes gráficas, o que Contijo chamou de “A modernização da imprensa” (CONTIJO, 2001, p. 201-203). Além disso, contribuíram para a ampliação da estrutura e aumento dos meios de comunicação circulantes “o desenvolvimento urbano, as cisões políticas produzindo divisões mais profundas na sociedade, os aperfeiçoamentos tecnológicos e uma certa especialização dessa imprensa.” (BARBOSA, 2007, p. 58)

Neste contexto a revista **Vida Policial** foi publicada pela primeira vez em março do ano de 1925. Inicialmente foi dirigida por Waldemar Pereira de Figueiredo na época bacharel em Direito, e por Raul Ribeiro, inspetor de segurança da 4º Delegacia Auxiliar possuindo inúmeros colaboradores (ver em CAULFIELD, 1993, p. 146).

Entre seus redatores temos Evaristo de Moraes, Edgard Simões Correia, Armando Vidal, Mário José, Frósculo Machado, além de outros policiais, médicos e criminalistas preocupados em enfocar temas específicos ligados à atividade policial, segurança pública e criminologia. São freqüentes em suas páginas, editoriais e matérias, discussões sobre os projetos de reforma administrativa, artigos de fundo político e crônicas de costumes.(CUNHA, 2002, p. 232).

A organização policial era destaque nas reportagens, que são densas e que principalmente dão ênfase sobre o histórico da instituição, o sistema penitenciário, fotografias e biografias de chefes de polícia, tanto a militar quanto à polícia civil, comparativos com a polícia de outras partes do Brasil e do mundo, sobre a formação policial, técnica, criminologia e investigação policial.

O semanário enfatizou a problemática da modernização da polícia, sublinhando nos debates sobre as questões que envolvem a adoção da Escola Positiva e a Escola Clássica. Portanto, foram pautadas as discussões sobre o que era considerado *moderno* ou *modernização* da polícia, o que envolvia a discussão jurídica das escolas mencionadas acima e as discussões sobre o aparato médico legal e psiquiátrico, técnicas de investigação, entre outras, cujo pano de fundo era elogio ao caráter irretocável das figuras públicas de comando das polícias e a eficácia teórica e à técnica da instituição.

Na revista em seu primeiro número de 14 de março de 1925 ressaltou:

O novo jornal, que tratará largamente de polícia científica, interessará por isso não só aos que militam nos departamentos asseguradores da ordem, como ainda ao grande público pelas notícias dos crimes da cidade que nenhuma imprensa poderá divulgar com mais detalhe, rigor, precisão e minúcias que aquela que se especialise neste assunto. (VIDA POLICIAL, 1925, n. 1, sem páginas)

Neste sentido segundo Caulfield,

Vida Policial explicitly promoted contemporary scientificist ideology, specifically the science of criminal anthropology. Its editors pointedly denied any ideological sympathies, insisting that the journal was “completely, radically disassociated from politics.” The purported neutrality of the journal was to reflect the supposed neutrality of the police force, described as merely a “delicate and laborious branch of public administration (CAULFIELD, 1993, p. 150).

Note-se que apesar da pretensa neutralidade postulada pela revista no decorrer da publicação, o seu editor Waldemar de Figueiredo envolver-se-á em uma querela judicial com setores da polícia acusados por ele de proteger indivíduos supostamente ligados ao jogo do bicho, na cidade do Rio de Janeiro. Esta acusação, pública, pois Figueiredo publica suas opiniões em seção editorial transformou-se em processo que o condena. Em diversos editoriais e matérias a revista insere os principais temas de combate: o jogo do bicho e a cocaína.

A revista *Vida Policial* destaca-se como umas das primeiras do gênero na época. Esta mídia foi criada por figuras da elite carioca, pertencentes ao aparato do Estado, e ligadas ao Sistema de Justiça Criminal, que a direcionaram a um público alfabetizado que direta ou indiretamente, em nossa hipótese, interessavam-se pelas temáticas, por sua participação em esferas ligadas ao controle social, ou porquê constituem neste novo público ávido pelo sensacionalismo jornalístico policial.

Sobre a revista

Sensationalist crime reports, editorials and commentary, and fictional detective stories (written in installments) filled the bulk of the journal. Often accompanied by grisly photographs or illustrations typical of contemporary popular tabloids, this material was designed to sell to a wider audience than the high-level police officials who received complimentary copies. The targeted market was the urban, literature middle and lower-middle classes, judging from the content of the journal, its focus on urban Rio de Janeiro, and the kinds of products it advertised: deodorants, dandruff shampoos, and perfumes; cafes, cinemas, and places of diversion (on of which claimed to be “noted for the distinction of its clients”); bookstores; lottery houses; and elixirs for treatment of ailments such as syphilis, impotency, or baldness (CAULFIELD, 1993, p. 150).

No Brasil os grandes estudos sobre imprensa pouco trataram especificamente sobre esta temática para o período que objetivo pesquisar, qual seja, de um hebdomadário, semanário em formato de revista, de tamanho ampliado que inova no período introduzindo a fotografia e ou o desenho dos procurados da semana ou dos casos espetaculares que hoje categoricamente denominam revistas ou jornais para o *povo*, como se outros segmentos de outras classes não comentassem ou lessem estes meios.

Outras conotações como o *jornal que espreme e sai sangue* aludem a brutalidade e a virulência de um discurso que em forma de texto ou imagem retrata uma realidade de forma a destacar o universo da violência em sua forma mais tosca e nua. Interessa-nos pouparmos de designá-los seja como objetos negativos ou positivos, preocupa-nos e nos interessamos em suas formas e

conteúdos que conquistaram o grande público e fundamentam e revelam concepções sobre o outro e a sociedade neste contexto específico que trataremos.

Em toda a revista encontramos várias construções narrativas de tipos de crimes e criminosos, que se tornam personagens tipo.³ Estes tornados composições de quem lê os textos e/ou de quem os escreveu, e que são publicizadas.

As matérias do hebdomadário foram preliminarmente classificadas:⁴

1.1- De natureza: hediondo, violência, mistério, idiossincrático.

1.2- O ato: Ligados a comportamentos desviantes e que, atacam os *bons costumes*. Por exemplo, crimes como a prostituição, jogo, cangaço.

1.3- Os atores: grupos marginalizados e criminalizados como mulheres, praticantes de religiões afro-brasileiras, entre outras religiões não-cristãs, doentes mentais, pobres, negros, egressos do sistema penitenciário, imigrantes, estrangeiro, trabalhadores urbanos.

1.4- O motivo: vício, alcoolismo, epilepsia, loucura, suicídio, provocado por paixão.

Alguns Tipos de Narrativa Policial

“Traz-me algum bello crime, cuja trama possa servir para um romance sensacional de grande tiragem” (Revista Vida Policial, 1925, n.45, p. 9)

As referências às narrativas policiais podem ser encontradas na revista ao longo de toda a sua publicação. Publicações de sucesso que repercute na seção de cartas dos leitores, nas comparações entre atos criminosos e indivíduos que cometem atos infracionais com personagens e ações *rocambolescas* que surgem nas obras de Doyle ou Poe, entre outros autores.

³ Segundo Misso “todo tipo é, em alguma medida, um este-reótipo, uma generalização superficial, um clichê discriminante, mas o típico não se esgota no estereotípico, pode ser muitas outras coisas. Tipos ideais, tipos médios, tipos empíricos, mas há também o típico estético: o padrão dos diabólos, nas igrejas góticas; dos anjinhos renascentistas e barrocos; do herói na epopéia medieval tardia; dos santos, na hagiografia bizantina e católica, como também há o típico na construção do personagem na narrativa moderna. [...] No romance moderno, o típico seria a propriedade estética que permite a um personagem “representar” muitos outros, representar um “tipo social”. Numa direção análoga, embora sob controle analítico, há uma tendência na historiografia recente em considerar uma biografia ou algumas trajetórias de vida como objeto a partir do qual podem desabrochar para a análise certas situações sociais típicas do cotidiano e das representações de uma época”. (MISSE, 2006, 150-151).

⁴ A classificação e a nomenclatura foram construídas preliminarmente pela pesquisadora. A revista publicou 82 volumes ininterruptos que circularam semanalmente dos anos de 1925 a 1927.

E também nas ações dos agentes de segurança, que comparados a personagens-tipo de impacto, eram os “agentes Sherlock”, bem como há inspiração na ficção para entrada de detetives na polícia, a forma de investigação dos detetives comparada à ficção, propaganda de livros policiais, a perniciosa influencia da literatura policial que ensina a ser “bandido”, do cinema, literatura e imprensa como “escolas do crime”.

Enfim, um referencial construído que além da publicação do conto e do folhetim *forma ou deforma* uma visão de mundo; não é mero entretenimento ou “são ‘apenas’ histórias”:

Eu suponho que as representações da mídia não são, nunca, inocentes de implicações sociais e políticas, apesar de não serem, na maior parte, conscientes ou intencionais. Além disso, apesar de não ser monolítica nem imutável, os significados das avaliações da mídia são estruturados por processos ideológicos e industriais (REINER, 2004, p. 202-203).

Na revista Vida Policial a publicação de contos ou folhetim policial foi recorrente desde os seus primeiros números. No hebdomadário publicaram-se inúmeros outros tipos de produção narrativa ficcional, todas com a possível classificação e características do *romance de viagem*, o *romance de provas*, o *romance biográfico* (e autobiográfico) e o *romance de educação* ou *formação*, segundo Backtin. (BACKTIN, 1992)

No total de oitenta e duas (82) revistas analisadas encontramos no total 173 contos ou folhetim policiais. Neste conjunto encontramos os seguintes autores: Caius Martius, Several, Woestyn, Arthur Antunes Maciel, Memórias De Um Rato De Hotel, Vulgo Dr. Antonio, E.W. Hornung, Arthur Conan Doyle, Dr. P. Rosenhain, Gaston Leroux, F. Fritten Austin, Medeiros E Albuquerque, Edgard Allan Poe, Maurice Level e Nick Doile.

Neste ensaio trabalharemos somente com alguns autores escolhidos por sua expressividade numérica e pela caracterização *sui generis* dos personagens. Neste caso são dois os autores escolhidos: Caius Martius e Arthur Antunes Maciel, o Dr. Antonio e E. W. Hornung.

O autor que assinava como Caius Martius escreveu a maior parte das narrativas publicadas pelo hebdomadário. No total foram 51 contos e folhetim, publicados ao longo de toda a existência da revista, o que perfaz trinta por cento (30%) de toda a produção literária policial. E depois de “52 semanas de lutas”, em número “Especial para o anniversário de ‘Vida Policial’” o “chronista que se esconde modestamente no pseudonymo de Caius Martius” foi revelado. Ele chamava-se Cláudio de Mendonça (1888-1954), o próprio diretor-secretario da revista.

Apresentado em matéria assinada por Tartarin Holmes em matéria comemorativa como um indivíduo de “Cultura sólida, intelligencia aprimorada, um dos raros especialistas de policia intelectual em nossa terra, modesto e bom, tão bom e tão modesto que chega a occultar o seu título de bacharel em direito...” (Revista Vida Policial, 1926, n. 53, p. 24). E também “... como esconde as suas virtudes de coração traz de um rosto de sceptico e o seu título de bacharel em direito, advogado sagaz, na simplicidade de um nome jornalístico”. (Revista Vida Policial, 1926, n 73, sem página)

Retratado em charge como “O creador de Barrios e Miss Bianca” que “Em torno da fronte austera e indicadora de um primoroso talento, ahi está numa optima allegoria a sua imaginação em atividade, vendo-se algumas das figuras criadas pelo brilhante novelista policial.” (Revista Vida Policial, 1926, n. 73, sem página) Na charge estão retratados os protagonistas do folhetim policial criado pelo autor, e que são os detetives Professor Barrios, personagem principal, Miss Bianca e Menezes, os seus auxiliares. Na imagem as representações dos personagens investigados pelo trio, os tipos “criminosos”, também foram retratados pelo chargista com base nas criações do escritor Cláudio Mendonça.

Nas narrativas, o professor Barrios é o “cérebro” das investigações, assessorado por Miss Bianca, uma mulher argentina, descrita como inteligente, ousada e de muita coragem, além do fiel Menezes jornalista investigador. O lugar de ambientação das estórias é a cidade do Rio de Janeiro na década de 20. No entanto, no decorrer das aventuras, a protagonista das narrativas passou a ser Miss Bianca, o que obviamente é uma inovação de construção de personagens, ou seja, uma mulher investigadora, detetive, provavelmente não eram muitas nesta época. “Miss Bianca, Detective-amadora, por Caius Martius.” era a chamada das narrativas que ao total perfazem nove (9) edições.

As estórias de Caius Martius pareciam ser muito populares naquela época. Das treze capas da revista com chamada para literatura policial onze destacaram criações do autor. Importante frisar que todas são imagens do desenhista Cícero Valladares, aliás autor de quase todos os desenhos da revista.⁵

⁵ Cicero Valladares foi caricaturista e ilustrador. Desenhou para a revista "O Tico "A vida de Floriano Peixoto", escrita por A. Plessen. Na época trabalhou com publicidade, como para as propagandas da Bayer. http://www.guiadosquadinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares. Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

Citações das novelas ou folhetins deste autor aparecem, também na seção “Caixa de Correio”. Nesta seção as cartas dos leitores eram respondidas. Obviamente que o fato do cronista ser diretor-secretario da revista influenciou na presença destacada do autor nas publicações. Posteriormente na década de 30, Mendonça tornar-se-á funcionário do Gabinete de Identificação e ocuparia postos “importantes” no Instituto de Identificação (CUNHA, 2002, p. 199).⁶

Segundo Cunha, Caius Martius era um autor anônimo que publicara os seus folhetins em duas outras revistas, no *Boletim Criminal*, editado de 1927 a 1935, e na *Polícia em Foco*, editado em 1948. (CUNHA, 2002, p. 186) Para a autora cujo foco de suas análises, que se inspiraram nas estórias do Professor Barrios, a questão principal refere-se a:

Ciência com linguagem e autoridade como princípio são temas caros não só aos romances, mas aos manuais e periódicos policiais cariocas nos anos 30. Contudo, o que parece importante destacar, tomando como inspiração a narrativa de Martius, são os modelos de *ação policial* a que tais textos aludem, uma vez que as idéias de *ciência* e *arte* aparecem de forma imbricada, configurando um modo singular de zelar pela ordem e segurança públicas (CUNHA, 2002, p. 186).

Entretanto, sob outra perspectiva, o interesse pela narrativa policial no período do início do século XX foi intenso. Segundo Süsskind, em sua análise sobre o texto de João do Rio intitulado *A Profissão de Jacques Pedreira*, a chamada “literatura industrial, seriada” era o tipo de escrito que Jacques personagem principal “regalou-se” em um momento em que não havia nada a fazer. João do Rio ainda a qualifica como “literatura que rolava na copa”. O texto foi publicado na forma de folhetim no ano de 1910, junto as aventuras de Sherlock Holmes e Nick Carter, o que não era exceção, pois as revistas em voga à época publicava com sucesso o gênero, como a Fon-Fon! e a Careta. (SÜSSEKIND, 1998, p. 195-196)

Outro texto publicado na revista cujo personagem principal era A. J. Raffles, “mestre do crime” foi o primeiro do gênero “herói negativo” cujo destaque e pioneirismo é dado a Arséne Lupin, de Maurice Leblanc (1864-1941). Menos famoso, mas o primeiro, cujo livro foi publicado em Londres 1899. Hornung mais conhecido como o cunhado de Conan Doyle, o criador de Sherlock

⁶ Cláudio Jose Maria Sant’anna de Mendonça nasceu na cidade de Goiás, antiga capital da província de Goiás. Foi professor de latim e português no Liceu de Goiás. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, tornou-se mestre dactiloscopista, trabalhou no Serviço de identificação do Distrito Federal e Serviço de Identificação da Marinha. Em 1933, publicou um livro sobre dactiloscopia intitulado “Arquivo Mono-dactilar”. <http://www.mendoncas.xpg.com.br/claudiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

Holmes e de seu companheiro Dr. Watson. Hornung criou a dupla do elegante ladrão Raffles e de Bunny, seu cúmplice e memorialista.

Para Albuquerque personagens da narrativa policial como Raffles, de Ernest William. Hornung (1866-1921) são “heróis negativos”, pois são ladrões, “modernos Robin Hood”, porém populares e simpáticos ao público, e que representam por outro lado os seus perseguidores, geralmente da polícia, de modo antagônico. (ALBUQUERQUE, 1979, p. 109) Raffles tornou-se símbolo de elegância e apelido de todo ladrão com as mesmas maneiras, pois era leitura corrente em sua época.

Portanto, no mesmo gênero, mas seguindo a perspectiva do “herói às avessas”, Memórias de um Rato de Hotel impacta na leitura do primeiro capítulo. Nele há a construção do personagem principal como um marco na história da ladroagem nacional: o Dr. Antonio como o tipo literário do ladrão inteligente, sagaz e perspicaz que somente por um percalço do destino é aprisionado. Aliás, se fosse pela qualidade da polícia de então jamais seria preso.

A narrativa em folhetim desenrola-se com suas peripécias. Quando é preso numa das vezes é solto sem provas. Então, em liberdade, volta a roubar, sempre quando pode, nos hotéis em que se hospeda, daí a expressão “rato de hotel”. Enamora-se de quando em quando de mulheres “honestas”, ora de mulheres sustentadas por vários homens. Afirma que é ladrão que rouba os ricos para fazer justiça. Quando pela 1^a vez preso, é solto pelo delegado para regenerar-se devido a sua condição social (familiar) e juventude.

Relata a corrupção na polícia, glossário com gírias do calão criminoso entre outros aspectos do mundo do crime. Na prisão descreve os males incorrigíveis desta instituição. Os relatos sobre esta instituição são interessantes, como o relato sobre os guardas e a de sua tortura para confessar em delegacia. Neste sentido ver a sua comparação ao *Conde de Monte Cristo*.

Aplica seus golpes nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e no interior. Sobre esta questão constrói a oposição entre a cidade grande e a sua propensão ao crime e a calmaria da cidade do interior. Aliás, constrói-se como um bom homem que ajuda crianças órfãs e tem piedade de roubar uma mulher pobre.

Em 2000 o texto foi publicado na íntegra, com nota prévia de Plínio Doyle e artigo de João do Rio. Aliás, segundo o posfácio de João Carlos Rodrigues e a nota de Doyle, Arthur Antunes Maciel, o Dr. Antonio, relatou sua estória a João do Rio que então, na realidade a escreveu: “Ditado por Dr. Antonio a João do Rio, escrito a quatro mãos pelos dois ou editado pelo segundo

a partir de um rascunho do primeiro...? Ao leitor, o benefício da dúvida.” (MACIEL, 2000, p. 291)

CONCLUSÕES

Neste artigo pretendemos sinalizar algumas das questões que estão em processo de elaboração em minha tese de doutorado. Neste momento pretendemos trabalhar as informações recolhidas nas novelas, folhetins e contos policiais e criminais na revista Vida Policial e analisar a sua tipologia, as construções sobre os delitos, detetives, as vítimas e sobre os criminosos.

Nossas conclusões preliminares nos permitem sustentar as nossas hipóteses de que as narrativas policiais construíram formas de *educação às avessas*, pois as ações e personagens imprimem a marca das ilegalidades como forma de combate social aceitável e considerado mais eficaz. Ou seja, a forma de investigação eficaz ultrapassa a legalidade e somente se conduz para a solução dos crimes por intermédio da ação ilegal.

Além disso, as ações e meios do combate ao crime, vistos como modelo ideal, perpetrado por agentes de segurança amadores, os detetives diletantes, implicam sempre na potência individual do supercérebro do investigador, de inteligência ímpar, como Sherlock Holmes, que expande e consolida-se como modelo de ação de investigação, o super-herói, arquetípico, uma exemplaridade de vigilância, prevenção e segurança em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. **O Mundo Emocionante do Romance Policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- MACIEL, Arthur Antunes. **Memórias de um Rato de Hotel**. Rio de Janeiro: Dantes. 2000.
- ALVAREZ, Marcos César. “Controle social: notas em torno de uma noção polêmica”. In **Perspectiva**. São Paulo, vol. 18 nº1, Jan./Mar, 2004.
- BACKTIN, Mikhail, “O Romance de Educação na História do Realismo.” In **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 223-276.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAULFIELD, Sueann. "Getting into Trouble: Dishonest Women, Modern Girls, and Women-Men in the Conceptual Language of Vida Policial, 1925-1927." In **Signs: A Journal of Women in Culture Society**, n. 19, 1993, p. 1

CHARTIER, Roger. "Em busca de lo popular". In **Sociedad y Escritura em la Edad Moderna**. México: Instituto Mora, 1995,

_____. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n. 16, 1995

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Intenção e Gesto. Pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

DOYLE, Sir Arthur Conan. **Um Estudo em Vermelho**. São Paulo: Martim Claret, 2003.

FOUCAULT, Michel. "Sobre a prisão". In **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, p.129-144, 2000.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes. 1977.

CONTIJO, Silvana. **O Mundo em Comunicação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

MAGALHÃES, Marionilde Brepolh de. **Capítulo 2**. Curitiba: Paper, 2008.

MANDEL, Ernest. **As delícias do crime. História social do romance policial**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MISSE, Michel. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2006.

MOURALIS, Bernard. **As Contra Literaturas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

PAES, José Paulo. **A Aventura Literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REINER, Robert. **A Política da Polícia**. São Paulo: Edusp, 2004.

SUNKEL, Guilhermo. **La Prensa Sensacionalista y los sectores populares**. Bogotá: Norma, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. "**O Cronista & o Secreto Amador.**" A Voz e a Série, Rio de Janeiro: Sette Letras, p. 179-211, 1998.

Fontes citadas

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro, 1925, n.1.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1925, n.6.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1926, n. 45.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1926, n. 53.

Revista Vida Policial, Rio de Janeiro 1926, n. 73.

Sites consultados

http://www.guiadosquadinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares.

Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

<http://www.mendoncas.xpg.com.br/claudiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.